

O *ETHOS* REPRESENTADO NA ENUNCIÇÃO JORNALÍSTICA

ETHOS REPRESENTED IN THE JOURNALISTIC ENUNCIATION

Anderson Ferreira (Ufes/PNPD/CAPES)¹

Creone Coutinho (Ufes)²

Jarbas Vargas Nascimento (PUC-SP/Ufes)³

Micheline Mattedi Tomazi (Ufes)⁴

RESUMO

Este artigo examina o *ethos* discursivo representado na enunciação jornalística. Objetiva-se verificar a maneira pela qual a enunciação jornalística atribui traços físicos e de caráter que corporificam atores religiosos quando esses são incitados a falar sobre a pandemia da COVID -19. Para tanto, procede-se a análise de dois texto-notícias resultados da análise computacional de dados feita na rede social Facebook. Fundamenta-se na Análise de Discurso, em particular, nos estudos de Maingueneau (2016, 2020) em seu retorno crítico à noção de *ethos* discursivo. Os resultados revelam que, de acordo com o ator religioso inscrito na enunciação, a sua representação variará negativo ou positivamente.

Palavras-chave: Ethos discursivo. Enunciação Jornalística. COVID-19. Análise de redes.

ABSTRACT

This article examines the discursive *ethos* represented in journalistic enunciation. The objective is verify the way in which journalistic enunciation attributes physical and character traits that embody religious actors when they are incited to talk about the COVID-19 pandemic. To do so, two text-news are analyzed as a result of the computational analysis of data conducted on the social network Facebook. It is based on Discourse Analysis on Maingueneau studies (2016, 2020) in his critical return to the notion of discursive *ethos*. The results reveal that, according to the religious actor enrolled in the enunciation, his representation will boo negatively or positively.

Keywords: Discursive Ethos. Journalistic Enunciation. COVID-19. Network analysis.

Considerações iniciais

Em decorrência da grave crise de saúde pública e sanitária ocasionada pelo novo coronavírus, as redes sociais, as mídias jornalísticas e as mídias sociodigitais se tornaram um átomo de práticas tecnicodiscursivas múltiplas e abundantes sobre o vírus, mas também sobre implicações políticas, econômicas e ideológicas no quadro pandêmico. No Brasil, como em grande parte do mundo, as vozes da ciência e da política disputavam o interesse das mídias jornalísticas, criando embates, debates e tesões que dificultavam a separação dessas vozes.

¹ Endereço eletrônico: andersonferreirasp94@gmail.com

² Endereço eletrônico: creonecoutinho@gmail.com

³ Endereço eletrônico: jvnfl@yahoo.com.br

⁴ Endereço eletrônico: michelinetomazi@gmail.com

Nessa arena de luta, evidenciou-se uma saturação das mídias em torno da crise instalada pela Covid-19.⁵

Entre redes sociais, circulando vertiginosamente, as práticas tecnicodiscursivas se enlaçavam produzindo efeitos de sentido socializados sobre uma doença desconhecida, ao passo que o fluxo incessante da (des)informação interpelava os leitores-usuários da rede, quase sempre, num espaço do medo. Embora a atenção tenha se voltado à comunidade científica, o discurso da ciência não é a última palavra sobre a natureza, os efeitos e as formas de transmissão do novo coronavírus, bem como a segurança e eficácia das vacinas. Imerso num forte negacionismo ideológico, o discurso científico fora incitado a produzir a resposta ao medo (MAINGUENEAU, 2020b).

Contudo, a resposta ao medo do discurso científico tem sido provisória e tensionada, já que a pandemia ainda não acabou. Não obstante, o medo é instrumento da política, pois, uma vez instalado, paralisa. É, pois, o medo, conforme argumenta Bauman (2016), “um recurso muito convidativo para substituir a demagogia com a argumentação e a política autoritária com a democracia”. Nessas fissuras discursivas, outras vozes se lançavam na disputa do controle da palavra em relação ao medo da doença do novo coronavírus e suas variantes.

Uma delas foi o discurso religioso que, não se contentando apenas com a palavra terapêutico-religiosa, advoga a si o direito de incitar os seus fiéis à ação, evocando, muitas vezes, em resposta ao medo, a fé divina. No espaço entre redes, os atores religiosos circulam construindo mundos éticos que concentram orientações num cenário de incertezas e tensões. Possibilitada pela internet, essa conectividade proporciona um contato imediato com notícias e informações da vida social.

Nesse quadro, o presente artigo examina o *ethos* discursivo representado na enunciação jornalística, em torno da pandemia ocasionada pelo novo coronavírus e, em particular, quando dá voz e corpo a atores religiosos incitados a revelar sua visão de mundo sobre a crise de saúde e sanitária em curso. Trata-se da entidade Papa Francisco, líder da Igreja Católica Apostólica Romana, e da entidade do bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus⁶

⁵ Levando em consideração que se trata de uma abreviação de *COroNaVirus Disease* (doença do coronavírus), de acordo com Real Academia Española, optamos por manter o gênero feminino. Os primeiros casos aconteceram em Wuhan, na China, sendo divulgados publicamente pelo governo chinês no final de dezembro de 2019, por isso, COVID-19

⁶ A noção de “entidade” é tomada, aqui, conforme Maingueneau (2015, p. 87), para quem as “entidades” “são tradicionalmente objeto de uma grande quantidade de pesquisas, cujo propósito é estudar o que os pesquisadores chamam de ‘imagem de X’ ou de ‘representação de X’, onde X pode ser o general de Gaulle, Lula, a China, a Igreja Católica, o modernismo...”.

Visamos a verificar de que modo a enunciação jornalística, em dois texto-notícias, representa o *ethos* de cada religioso, isto é, de que forma lhes atribui traços físicos e de caráter que os corporificam. Esses texto-notícias, tomados aqui como discurso, foram destacados da análise computacional de dados (MALINI, 2016), que operamos na rede social Facebook, cujo resultado pode ser observado nos Grafos 1 e 2, adiante. Fundamentamo-nos na Análise de Discurso, em particular, nos estudos de Maingueneau (2013, 2016, 2020a) acerca da noção de *ethos* discursivo. Assim, fora estas Considerações iniciais, este artigo está organizado em três seções mais as Considerações finais.

Corpos públicos falantes entre redes

No espaço digital da internet, corpos falantes fazem circular um cem número de enunciados entre redes sociais.⁷ No caso de enunciados religiosos, sua circulação não deixa de evocar a fé divina por meio da palavra terapêutica. Esses enunciados, porém, respondem, em grande medida, a uma urgência político-ideológica particular, apoiando-se num corpo público significante e pragmático em relação às representações socioculturais da comunidade na qual esse corpo se movimenta (MAINGUENEAU, 2020a). Ao gravitar nas mídias sociodigitais e circular entre redes em torno de uma “causa”, esse corpo público é, inevitavelmente, focalizado pelas mídias jornalísticas que lhe recortam a voz.

O Papa Francisco, líder mundial da Igreja Católica Apostólica Romana, e o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, não deixam de expor seus “corpos falantes” nas mídias jornalísticas e sociodigitais. Para se legitimar, diz Maingueneau (2020), o corpo que atores sociais mostram apela a outros corpos de forma a se apresentarem como seu porta-voz. Agindo assim, procuram se comunicar com aqueles que participam de seu próprio mundo ético.

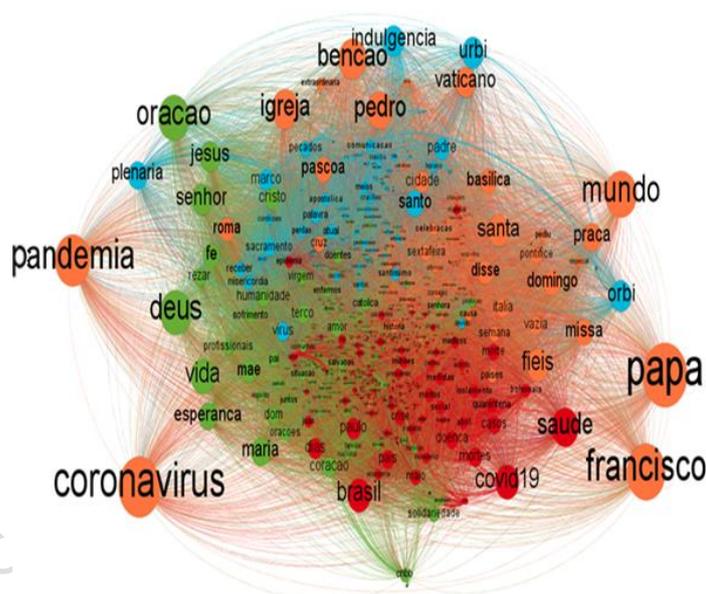
Ao enunciarem, porém, eles se tornam corpos públicos falantes e objetos de interpretação de outros atores sociais e instituições. De modo a produzir debates, suas palavras são recebidas como merecedoras de serem comentadas e replicadas. Com efeito, o interesse das mídias sociodigitais por determinados corpos públicos tem a ver com o papel e o lugar que ocupam no tecido social, com as instituições às quais se congregam e com os modos de dizer e se mover em dada cultura.

⁷ A opção de usar o termo “corpos falantes” se deve ao argumento segundo qual o *ethos* é fundamentalmente uma questão de corpo (MAINGUENEAU, 2020). Neste trabalho, no entanto, a noção de “corpos falantes” se equivale a de enunciador e co-enunciador.

Na calamidade de saúde pública produzida pelo novo coronavírus, tanto o Papa Francisco, quanto o bispo Edir Macedo exerceram seu direito à fala. Na verdade, a pandemia não pôde ser indiferente a quase ninguém, pois afetou, de modo direto, a vida das pessoas: o trabalho, a saúde, o entretenimento, a mobilidade e a fé. Nesse cenário, emergiram corpos falantes em conflito, dispostos a se digladiarem no campo do debate público.

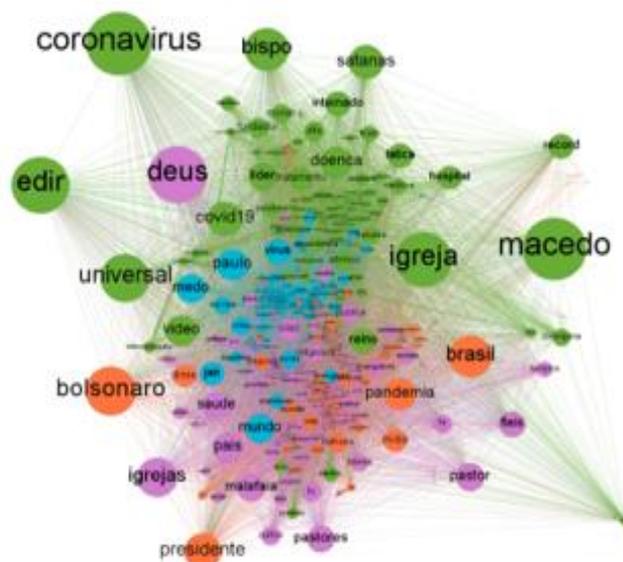
Para exemplificar essa hipertrofia de vozes, apresentamos Grafos (figuras 1 e 2) que demonstram, em parte, as intersecções entre redes desses corpos falantes num dado tema. Esses Grafos são o resultado da análise computacional feita em torno de uma lista de dois termos (*queries*), buscados nas Interfaces de Programação de Aplicações (APIs) (MALINI, 2016), da plataforma digital Facebook. Os termos indicados por nós foram “Coronavírus and Papa” (Grafo 1) e “Coronavírus and Edir Macedo” (Grafo 2).

Figura 1. Grafo 1. Redes de interações “Coronavírus and Papa”



Fonte: Crowdtangle e Ford/Labic

Figura 2. Grafo 2. Redes de interações “Coronavírus and Edir Macedo”



Fonte: Crowdtangle e Ford/Labic

Nos Grafos (figuras 1 e 2), os nomes agrupam corpos falantes (perfis) que replicam enunciados em torno de temas/palavras relacionados. Na linguagem computacional, esses temas são compreendidos como argumentos associativos de uma rede. Numa Análise Perspectivista de Redes, esses argumentos são gerados por um processo de análise computacional, o qual, por meio da coleta, mineração, visualização, modularização, modelagem e reprocessamento de dados (MALINI, 2016), “enlaça” enunciadores-perfis (usuários das redes) que ali exercem o seu direito à fala.

No processo de análise computacional, revela-se uma aparência policromática nos Grafos, ou seja, o processo de análise computacional apresenta cores que indicam interação entre si e com outra entre rede⁸ e foi o resultado da nossa indicação dos termos: “Coronavírus and Papa” (Grafo 1) e “Coronavírus and Edir Macedo” (Grafo 2). Neles, uma dêixis discursiva pode ser aventada, isto é, o tempo, o espaço e os sujeitos se deixam ver no discurso digital por meio dos argumentos associativos. Ou, para usar um termo do mundo da internet, por meio das “bolhas” ideológicas.

Os termos indicados por nós geraram enunciados de sites noticiosos e comentários de corpos falantes, usuários das redes. Era do nosso interesse buscar apenas *posts* relacionados aos

⁸ Nestes Grafos, é possível constatar a policromia/polifonia. Por exemplo, no Grafo 1, “papa”, “fiéis” e “missa” aparecem em laranja, enquanto “saúde”, “covid” e “brasil”, em vermelho. Já, no Grafo 2, “universal”, “edir” e “satanás” aparecem em verde; enquanto “bolsonaro”, “pandemia” e “brasil”, em laranja; apenas para citar duas cores de cada Grafo.

nomes “Papa Francisco” e “Edir Macedo”, visando a delimitar o mundo ético desses atores religiosos na crise do coronavírus. Desse modo, podemos observar, no plano dos Grafos, de que forma esses corpos falantes se associavam à maneira de dizer e se mover das entidades religiosas em foco.

Nos mundos éticos emergidos entre redes, é possível notar uma significativa heterogeneidade, isto é, linhas de forças argumentativas/opinativas que se associam ou se distanciam, de forma a instaurarem debates e embates. Nesse caso, não é possível falar de posicionamentos discursivos estáveis, tampouco de um *ethos* apenas em sua dimensão categórica (MAINGUENEAU, 2016; 2020). Por isso, para delimitar a emergência do *ethos* discursivo no discurso jornalístico da análise computacional que operamos, é preciso, então, examinar a categoria de *ethos* de modo mais delimitado.

A problemática do *ethos*

Em trabalhos recentes em torno da problemática do *ethos* discursivo, Maingueneau (2013, 2016, 2020a) procura acentuar a eficácia dessa noção, ressaltando que o *ethos* é capaz de envolver a enunciação sem, necessariamente, estar marcado no enunciado. Para ele, a noção de *ethos* nos autoriza a refletir acerca da aderência do leitor ao mundo ético daquele que enuncia. O leitor atribui traços sociopsicológicos estereotipados a um corpo falante, de acordo com seu modo de dizer e mover no espaço enunciativo.

Nas palavras de Maingueneau (2020, p. 9), examinar a problemática do *ethos* é se apoiar em dados simples, intuitivos, coextensivos ao uso da linguagem: “o [coenunciador[leitor] constrói uma representação do locutor[produtor] por meio daquilo que ele diz e da sua maneira de dizê-lo”. A noção de *ethos* defendida por Maingueneau (2013, 2016, 2020a), para além dos estudos no campo da Retórica (Cf. Ferreira, 2019), é de um *ethos* discursivo apreendido no ou pelo discurso, com base em traços presentes na enunciação.

Nesse sentido, o *ethos* é resultado da confluência de um *ethos* que é apreendido pela maneira de falar, que o autor denomina de *ethos* mostrado, e de um *ethos* dito, ou seja, aquilo que é dito de si mesmo por quem enuncia. O *ethos* mostrado estará sempre presente no discurso, pois é uma dimensão da enunciação, mas o *ethos* dito não, porque nem sempre quem enuncia fala de si. O *ethos*, então, está vinculado a enunciação, mas é preciso considerar que sempre se tem uma representação de quem enuncia antes mesmo desse enunciar, o que leva, segundo Maingueneau (2013, 2016, 2020a), a distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo,

desde que se observe sempre a diversidade das situações de comunicação. O *ethos* de um enunciador é projetado na interação entre o pré-discursivo, o discursivo que é o *ethos* mostrado, e o *ethos* dito.

A noção de *ethos* recobre, além da dimensão verbal do “dizer”, um conjunto de determinações físicas e psíquicas ligadas ao enunciador no interior de seu mundo ético. Se bem entendido, o mundo ético é ativado por meio da leitura, o que significa compreender o *ethos* enquanto uma noção discursiva e não uma imagem do sujeito externa à fala. Além disso, para Maingueneau (2020a, p. 13), o *ethos* “está vinculado a um processo interativo de influência de outros, [trata-se, pois,] de uma noção híbrida (sócio/discursiva), um comportamento social avaliado [...]”.

Em discursos de campos como o jornalístico, o literário, o científico, o religioso e o publicitário, por exemplo, a identificação do *ethos* tem sido apresentada como evidente. De fato, o ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Os textos escritos por profissionais desses campos de atividade revelam, de muitas formas, que “seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são [muitas vezes] suficientes para construir uma representação de sua pessoa” (AMOSSY, 2011, p. 9). Nessas produções, a emergência do *ethos* pode ser examinada em termos de estratégias do locutor, já que, conforme argumenta Maingueneau (2016), textos desses campos estão fortemente determinados pela situação de comunicação.

Na análise do *ethos* no interior desses campos de atividade, o *ethos* é tomado pelo analista como estratégia coerente e utilizado para resolver um problema facilmente identificável. É o que revela o exemplo a seguir.⁹

Papa: pandemia pode ser 'resposta' da natureza às mudanças climáticas

O Papa Francisco disse que a pandemia do novo coronavírus pode ser uma das "respostas da natureza" à população mundial, que ignora a crise ecológica. "Não respondemos às catástrofes parciais. Quem agora fala dos incêndios na Austrália, ou lembra que há 18 meses um barco poderia atravessar o Polo Norte porque todas as geleiras haviam derretido? Quem fala agora das enchentes?", questionou o papa em uma entrevista por e-mail publicada hoje nas revistas *The Tablet* e *Commonwealth*. "Não sei se essas são a vingança da natureza, mas certamente são as respostas da natureza", analisou.
[...]

Neste enunciado, podemos “ouvir” pelo menos duas vozes: a voz do enunciador-jornalista, fiador das revistas *The Tablet* e *Commonwealth*, e a voz atribuída ao Papa Francisco,

⁹ Voltaremos a esse exemplo mais adiante.

que aparece entre aspas, “ilhada” na enunciação. Esses enunciadores podem ser considerados como “profissionais” que dominam as técnicas de expressão de um dado campo de atividade. Operando uma separação, identificamos a voz do jornalista e a voz do religioso, convocado para “compor” a enunciação. Talvez, agindo assim, tornamos, de certo modo, “evidente” a identificação do *ethos*.

Acontece que em certos textos essa identificação nem sempre é pacífica; não apenas pela combinação de falas numa mesma enunciação, que produz o efeito de *ethos* híbrido (MAINGUENEAU, 2013), mas também pelo efeito de *ethos* encaixado, “quando uma enunciação está representada numa outra” (MAINGUENEAU, 2020, p. 40).¹⁰ À parte disso, certos discursos, como o discurso religioso, engendram locutores que possuem um *ethos* pré-discursivo consistente. É o caso do papel e lugar social do Papa que exerce poder supremo e universal sobre a Igreja Católica. Nesse exemplo, o nome “Papa Francisco” evoca o corpo falante de um porta-voz.

A adesão ao mundo ético

Um papa mais que pop

Esse corpo, contudo, para retomar o termo de Maingueneau (2020), é saturado de avaliações sociais, bem como é construído por avaliações “midiáticas”, que classificam o Papa Francisco, tal como aconteceu com o Papa João Paulo II, como um “papa pop”;¹¹ corpo que ele mostra age e apela a outros corpos falantes. Sua voz e, particularmente, sua palavra, no sentido terapêutico, é recebida enquanto uma visão religiosa do e para o mundo social, passível de ser comentada na vida afetiva e religiosa das pessoas e, também, nos espaços sociodigitais mais abertos a todo tipo de réplica. A notícia abaixo ilustra as avaliações sócio-midiáticas da entidade Papa Francisco.

¹⁰ A respeito da ideia de *ethos* encaixado, Maingueneau (2020) recorre, particularmente, a um *corpus* do teatro.

¹¹ Ver por ex. o livro “Il racconto di Francesco. La comunicazione del Papa nell’era della connessione globale”, curadoria de Ana Maria Lorusso e Paolo Peverini, LUISS, 2017.



Fonte: Diário do Nordeste¹²

Conforme registra a história, um papa é capaz de influenciar no destino do mundo mais que um chefe de Estado. O papa João Paulo II, já citado, entrou para história, também, por suas mediações político-ideológicas em momentos de guerras. Para além disso, um pontífice pode propor debates sociais, na medida que é chamado a falar no campo mais aberto das mídias, como exemplifica essa passagem destacada pelo enunciador-jornalista no enunciado citado anteriormente:

“Não respondemos às catástrofes parciais. Quem agora fala dos incêndios na Austrália, ou lembra que há 18 meses um barco poderia atravessar o Polo Norte porque todas as geleiras haviam derretido? Quem fala agora das enchentes?”.

Vê-se, aí, que o debate é direcionado às possíveis causas globais das intervenções do homem na natureza. Portanto, o coronavírus seria, também, uma consequência dessas intervenções.

Numa enunciação jornalística desse tipo, em que a voz da autoridade religiosa aparece em citação direta, a impressão é de que um *ethos* se inscreve no enunciado já dito alhures. Por isso, Maingueneau (2020, p. 30) lembra que “a existência do *ethos* é sempre intertextual, os estereótipos que o ativam são modos de falar de [sujeitos] associados a modelos de enunciação legados por uma tradição escrita.

No caso do Papa Francisco, o leitor tende a aderir a palavra daquele que é capaz de enunciar uma visão sociorreligiosa para além do “lugar-comum”: “Não sei se essas são a

¹² Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/mundo/ha-um-ano-roma-tem-um-papa-mais-que-pop-1.844229>. Acesso em: 10 jan. 2020.

vingança da natureza, mas certamente são as respostas da natureza”.¹³ Vejamos, então, o texto-notícia na íntegra¹⁴.

[Texto 1]

Papa: pandemia pode ser 'resposta' da natureza às mudanças climáticas

O Papa Francisco disse que a pandemia do novo coronavírus pode ser uma das “respostas da natureza” à população mundial, que ignora a crise ecológica. “Não respondemos às catástrofes parciais. Quem agora fala dos incêndios na Austrália, ou lembra que há 18 meses um barco poderia atravessar o Polo Norte porque todas as geleiras haviam derretido? Quem fala agora das enchentes? “, **questionou** o papa em uma entrevista por e-mail publicada hoje nas revistas The Tablet e Commonwealth.

“Não sei se essas são a vingança da natureza, mas certamente são as respostas da natureza”, **analisou**. O pontífice também disse que está se recuperando da bronquite e orando ainda mais durante este “tempo de grande incerteza”. Ele revelou que se confessa todas as terças-feiras para pedir perdão por seu próprio egoísmo. Francisco também **pregou** que este é o momento de ver os pobres, a quem a sociedade, segundo ele, costuma tratar como “animais resgatados”. Ele **alertou** ainda sobre a ascensão de políticos populistas e de outros que se concentram exclusivamente na economia neste momento. “Estou preocupado com a hipocrisia de certas personalidades políticas que falam em enfrentar a crise, do problema da fome no mundo, mas que, entretanto, fabricam armas.” “Hoje acredito que temos que diminuir nossa taxa de produção e consumo e aprender a entender e contemplar o mundo natural”, **acrescentou**. (destaques nossos).

Fonte: UOL

Os enunciados entre aspas, em ilhas textuais, são atribuídos ao Papa Francisco. Como lembramos acima, eles foram destacados de uma entrevista dada pelo pontífice, por e-mail, às revistas The Tablet e Commonwealth. Nossa análise, porém, recai na enunciação jornalística, que procura restituir o ponto de vista do papa. De certo, neste tipo de enunciação, não é apenas

¹³ Numa homilia veiculada pela página oficial do vaticano, o Papa Francisco compara a pandemia do novo coronavírus com a tempestade inesperada que assolou o barco dos discípulos. Jesus dormia na popa do barco, quando o desespero e o medo tomaram conta dos discípulos que começaram a gritar buscando acordar Jesus para que não os deixasse perecer. Então Jesus “despertando, repreendeu o vento, e disse ao mar: Cala-te, aquietate. E o vento se aquietou, e houve grande bonança” (MARCOS 4. 39). Na homilia o Papa evidencia o caráter didático da tempestade: Deus envia ou permite a tempestade para ensinar os discípulos a confiar nele, produzido o efeito esperado, o próprio Deus acalma a tempestade. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-coronavirus-homilia-integral.html>. Acesso em: 06. jan. 2021.

¹⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/04/08/papa-pandemia-pode-ser-resposta-da-natureza-as-mudancas-climaticas.htm>. Acesso em: 02 nov. 2020.

o *ethos* do enunciadador-jornalista que está em jogo, mas um *ethos* representado por ele, que assume, em certo sentido, uma visão sociorreligiosa do mundo contemporâneo.

Um *ethos* emerge sobre o outro, fazendo com que o enunciadador-jornalista delegue ao papa o poder de “questionar”, “analisar”, “pregar”, “alertar” e “acrescentar”.¹⁵ Contudo, o poder de representar um *ethos*, no caso, “eco-religioso” não está em posse da instância jornalística, tampouco daquele que fala em seu interior, mas é sócio-histórico e culturalmente instituído. Daí que os usuários das redes (fig. 1, Grafo 1.) são enlaçados pela voz e corpo daquele que a eles apela, no sentido de delimitar um posicionamento. Com isso, nessas redes de interação, outros corpos falantes são convocados a participar do mundo ético construído na enunciação jornalística.

O enunciadador-jornalista, assim, surge enquanto representante do *ethos* daquele que procura associar a crise de saúde causada pelo novo coronavírus com as intervenções do homem na natureza; não apenas construindo ilhas textuais na enunciação, mas enunciando por meio do discurso indireto e da modalização em discurso segundo; “segundo ele” (AUTHIER-REVUZ, 2008). De outra forma, a escolha dos itens lexicais em destaque contribui para a construção de um *ethos* “neutro”, que, em enunciações jornalísticas desse tipo, tende a ser apagado.

Mesmo apagada, a escolha dos itens lexicais não é aleatória. O enunciadador-jornalista poderia enunciar “outras palavras”. Por exemplo, caso escolhesse “argumentou”, “ponderou”, “denunciou” e “explicou” em vez de “questionou”, “analisou”, “pregou”, “alertou” e “acrescentou”, respectivamente, num ambiente de politização da pandemia, os efeitos de sentido poderiam ser outros. Isso afetaria, de certo modo, o *ethos* prévio construído pela figura do Papa Francisco, não só de “pop”, mas, em particular, do *ethos* “da crença na misericórdia”. É nesse sentido que uma dimensão experiencial do *ethos* (MAINGUENEAU, 2016) é ativada pelo enunciadador-jornalista. Trata-se, portanto, de um *ethos* representado em simetria com um mundo ético católico.

O satanás trabalha com o medo

O mesmo não podemos dizer na enunciação jornalística a seguir, cujo *ethos* representado é associado ao líder da Igreja Universal do Reino de Deus, o bispo Edir Macedo.

[Texto 2]

¹⁵ Para facilitar, os itens lexicais entre aspas foram destacados em negrito no texto em análise.

Edir Macedo, que chamou coronavírus de “tática de Satanás”, contraiu covid-19

O fundador da Igreja Universal, bispo Edir Macedo, confirmou ao *Portal R7* que contraiu a covid-19 e foi internado no hospital Moriah, em São Paulo, na última segunda-feira (8), tendo recebido alta nesta sexta-feira (12). No início da pandemia, o bispo disse para fiéis não se preocuparem com o novo coronavírus. Segundo ele, a doença seria “mais uma tática de Satanás” e da mídia para causar pânico nas pessoas. “Meu amigo e minha amiga, não se preocupe com o coronavírus. Porque essa é a tática, ou mais uma tática, de Satanás. Satanás trabalha com o medo, o pavor. Trabalha com a dúvida. E quando as pessoas ficam apavoradas, com medo, em dúvida, as pessoas ficam fracas, débeis e suscetíveis. Qualquer ventinho que tiver é uma pneumonia para elas”, afirmava Macedo.

No vídeo, divulgado em 15 de março, ele dizia que a mídia estaria causando pânico em relação ao vírus sem razão e afirmava que existia um interesse econômico por trás.

O bispo evangélico de 75 anos é também proprietário do Grupo Record e da Record TV, a terceira maior emissora de televisão do Brasil, e possui uma relação próxima com o presidente Jair Bolsonaro.

Segundo informações do portal de notícias da Record, Edir Macedo se tratou com cloroquina, medicamento cuja eficácia científica no tratamento da covid-19 ainda não está comprovada.

O bispo foi atendido pela equipe médica coordenada pelo Dr. Leandro Echenique e Dr. Ricardo Teixeira. O médico Leandro Echenique afirmou que o bispo respondeu muito bem ao tratamento. “Ele evoluiu sem intercorrências, apresentou uma ótima evolução clínica e se recuperou totalmente”, disse o médico.

Fonte: Congresso em foco

O texto [2] é o resultado da análise computacional que realizamos, mas ele pode ser encontrado, entre outros, no site *Congresso em foco*.¹⁶ Na verdade, o leitor, usuário das redes, não precisa “seguir”, necessariamente, este ou aquele site noticioso para se confrontar com textos desse tipo. As ferramentas de compartilhamento dão vazão a um grande número de textos noticiosos entre redes, sendo os textos, portanto, objetos das práticas tecnicodiscursivas, conforme demonstra o Grafo 2 (fig.2).

Porém, como não se trata de gêneros digitais nativos (PAVEAU, 2021),¹⁷ eles carregam os mesmos recursos linguísticos usados pela imprensa jornalística. O produtor-jornalista isola entre aspas, em ilhas textuais, enunciados que, ao mesmo tempo, “ele utiliza e menciona,

¹⁶ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/saude/edir-macedo-que-chamou-coronavirus-de-tatica-de-satanas-contraiu-covid-19/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

¹⁷ Para Paveau (2021), os gêneros de discurso nativos advêm das atividades tecnodiscursivas. Trata-se de discursos produzidos no espaço digital da web 2.0, cuja natureza vai além da ordem linguageira, considerando a coconstrução das formas linguageiras com as determinações técnicas (composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade), próprias dos discursos nativos digitais.

emprega e cita” (MAINGUENEAU, 2013, p. 193)¹⁸. Os corpos falantes inscritos no discurso do texto evocam uma exogeneidade, embora interpelem os usuários das redes no espaço digital. Os recursos linguísticos da imprensa jornalística de outrora produzem, assim, outros efeitos de sentido, como veremos.

Por ora, lembremos da discussão de Maingueneau (2016) acerca das três dimensões do *ethos*, atribuição que visa, segundo ele, a examinar a emergência do *ethos* discursivo de modo mais eficaz, a depender dos tipos de textos. De acordo com o linguista francês, ao *ethos* pode ser atribuído às dimensões categorial, experiencial e ideológica. Dado o fato de o bispo Edir Macedo ser marcado fortemente pelas dimensões categórica (bispo) e experiencial (autocontrole), focalizaremos a análise do *ethos* discursivo no texto [2] em sua dimensão ideológica, sem descartar as demais.

A dimensão categórica abrange papéis discursivos ligados à cena genérica. Nela, esses papéis estão, de modo recíproco, associados à atividade de fala. É um pregador quem fala, como nessa passagem: “Meu amigo e minha amiga, não se preocupe com o coronavírus. Porque essa é a tática, ou mais uma tática, de Satanás. Satanás trabalha com o medo, o pavor”. No entanto, a dimensão categórica abrange, igualmente, os estatutos extradiscursivos. Quem fala também é “O fundador da Igreja Universal, bispo Edir Macedo”; O bispo *evangélico*”; “*proprietário* do Grupo Record e da Record TV” (destaques nossos).

A dimensão experiencial abrange categorizações sociopsicológicas estereotipadas. No texto [2], a contenção, o equilíbrio, o autocontrole podem ser evidenciados no discurso direto que aparece entre aspas. É o que sugere essa passagem: “E quando as pessoas ficam apavoradas, com medo, em dúvida, as pessoas ficam fracas, débeis e suscetíveis. Qualquer ventinho que tiver é uma pneumonia para elas”. A contenção, o equilíbrio, o autocontrole precisam estar do lado daquele que responde ao medo, ao pavor, à debilidade.

Por fim, Maingueneau (2016) atribui ao *ethos* uma dimensão ideológica, que se refere a posicionamentos dentro de um campo discursivo. Nesse ponto, tanto no texto [1], quanto no texto [2], os posicionamentos são tensionados, fazendo com que as dimensões do *ethos* se embaralhem e os diferentes campos discursivos sejam atraídos para um espaço discursivos de embates. No caso da enunciação jornalística que representa um *ethos* de um líder de igreja neopentecostal, é preciso observar como o *ethos* do representante, no caso a instância jornalística, se move no mundo ético construído pela entidade bispo Edir Macedo.

¹⁸ Ambos os textos que compõem o nosso *corpus* de análise utilizam esses recursos.

Focalizando a dimensão ideológica, podemos distinguir entre *ethos* dito e *ethos* mostrado (MAINGUENEAU, 2016, 2020). Tal distinção é esclarecida nas seguintes palavras por Nascimento (2019, p. 52).

Na verdade, o *ethos* discursivo é [...] uma manifestação subjetiva, emerge na enunciação e engloba o *ethos* dito, sinalizado por referências diretas, e o *ethos* mostrado, construído por pistas que o enunciador oferece, no funcionamento do discurso; mas que ele pode não estar explicitamente ali representado, abre-se ao coenunciador a possibilidade de imaginar e atribuir traços físicos e de caráter, que o corporificam, com base em representações sociais valorizadas ou não por estereótipos culturais, que são reforçados ou transformados.

Tanto na primeira como na segunda notícias analisadas acima, a manifestação subjetiva emerge por meio dos recursos linguísticos que chamamos de ilhas textuais e, principalmente, pela modalização em discurso “segundo” (“segundo ele”). Nas “bordas” das ilhas textuais, o enunciador-jornalista situa a sua voz, lembrando ao leitor que Edir Macedo fala do interior de um posicionamento neopentecostal: “O fundador da Igreja Universal”; “O bispo evangélico”; mas também fala como “proprietário do Grupo Record e da Record TV” e apoiador do governo em exercício. Ele “possui uma relação próxima com o presidente Jair Bolsonaro”. Portanto, mesmo que possamos destacar uma dimensão do *ethos*, neste caso particular, elas se atravessam de um lado a outro.

Não obstante esses atravessamentos, nas condições político-ideológicas do momento da enunciação jornalística em foco, os corpos falantes nas redes de interação tendiam a aderir mais a uma dimensão do que outra (fig. 2). De fato, eles não se ligavam tão somente à dimensão categórica (bispo, pastor), ou à dimensão experiencial (calma, autocontrole), mas, em particular, à dimensão ideológica (negacionista, anticientificista). A possibilidade de o leitor atribuir traços físicos e de caráter a uma voz e corpo circunscreve-se nas três dimensões. É um bispo evangélico (categorial) detentor de um autocontrole (experiencial) que enuncia; mas também é um empresário, negacionista e anticientificista (ideológica) que apela a outros corpos.

Nesse particular, por meio da modalização em discurso “segundo” (AUTHIER-REVUZ, 2008), o enunciador-jornalista representa Edir Macedo como aquele que se volta às questões de fé, sem abandonar as questões políticas, econômicas e ideológicas. Em certa medida, o enunciador-jornalista mostra o corpo e a voz do *ethos* representado, inscrevendo-o num espaço religioso sedimentado pelo Neopentecostalismo “à brasileira” (SANCHIS, 1997).

Embora possamos agenciar as dimensões do *ethos* no texto em análise, é preciso notar que, diferente da enunciação jornalística que recorta a voz ao Papa Francisco, a enunciação jornalística que recorta a voz a Edir Macedo não se pacifica no mundo ético construído. Se o

enunciador-jornalista do texto [1] compartilha com o Papa certa visão de mundo, com Edir Macedo, o enunciador-jornalista do texto [2], a tensiona certa visão de mundo inscrita nas ilhas textuais: “Segundo ele, a doença *seria* ‘mais uma tática de Satanás’.

O item lexical “*seria*” produz um efeito de sentido de não comprometimento do enunciador-jornalista com o que está sendo dito, em última instância, suscita a não adesão ao mundo ético neopentecostal. A enunciação jornalística destaca enunciados reutilizados no discurso negacionista acerca do novo coronavírus. Além do já citado, “mais uma tática do Satanás”, advindo de um “pensamento mágico”, é possível destacar outros advindos de especulações ideológicas e conspiratórias, como em: “a mídia estaria causando pânico em relação ao vírus”; e “existia um interesse econômico por trás”,

As interações entre redes (fig. 2, Grafo 2), no texto [2], são o resultado de práticas tecnodiscursivas mais amplas, que reúnem enunciados destacados de um “vídeo, do bispo Edir Macedo, divulgado em 15 de março” e de “informações do portal de notícias da Record”. Em ambas as mídias sociodigitais, é provável que a pecha de negacionista não tenha sido aventada, porém, entre redes, o fato “noticiável” é que, mesmo negando, o bispo Edir Macedo contraiu a Covid-19. Assim, a pecha de negacionista e anticientificista é estrategicamente preservada na enunciação jornalística: “Edir Macedo se tratou com cloroquina, medicamento cuja eficácia científica no tratamento da Covid-19 ainda não está comprovada”.

Os enunciados destacados reforçam, assim, a não adesão da instância jornalística ao mundo ético construído por Edir Macedo. Não se trata, contudo, de negar a fala ao outro, mas de marcar uma diferença com ele e com o grupo ao qual ele apela. Por isso, a enunciação jornalística em análise se constitui de enunciados autênticos (ilhas textuais), para lhe dar voz e corpo; e, ao mesmo tempo, aciona procedimentos típicos da imprensa jornalística de outrora (discurso indireto, discurso “segundo”) que, neste caso, visam a apagar as dimensões categórica e experiencial do ethos representado, para, assim, iluminar sua dimensão ideológica.

Considerações finais

A internet transformou de modo significativo a estrutura da comunicação e informação, possibilitando, desse modo, o surgimento de mídias sociodigitais “líquidas” entre uma estrutura tecnológica e, como elas, a ascensão de redes ideológicas estruturantes no interior da Web 2.0, as chamadas “bolhas” digitais, exemplificadas neste trabalho pela Análise Perspectivista de Redes (MALINI, 2016). Os recursos tecnicodiscursivos disponibilizados dão conta de um

movimento globalitário, para usar uma expressão do geógrafo Milton Santos, e integram as dimensões cognitivas e socioculturais da vida em sociedade.

A princípio, partimos de uma percepção banal, qual seja: a necessidade de as mídias jornalísticas construírem certas notícias recorrendo à voz de um ator social legitimado. Essa percepção, no entanto, desenhou-se de modo diverso no caso da pandemia do novo coronavírus, pois a ameaça de infecção, doença, reinfecção ou morte causada pela COVID-19 e suas variantes instalou o medo em grande parte da população mundial; e o discurso, bem como enfatizou Maingueneau (2020), foi chamado a responder a esse medo.

Para Maingueneau (2020), os recursos discursivos utilizados em resposta ao medo, no caso da pandemia, têm se concentrado, em especial, no jogo de números e nas palavras de cientistas, cobrindo, de certo modo, a palavra religiosa que se encarregava de transferir o medo a uma força superior: o medo do castigo divino. Porém, se é possível reconhecer a preeminência de discursos “laicos” nas encenações midiática e digital, não se pode negar que o discurso religioso não apenas encontrou outras forças superiores para transferir o medo: a natureza, o satanás, mas também outras tecnologias de disseminação de seus próprios enunciados.

Nesse sentido, as mídias jornalísticas recorrem a atores religiosos para que eles possam opinar sobre os mais variados temas. Claro que a pandemia do novo coronavírus incitou uma hipertrofia de práticas tecnicodiscursivas, mas, assim como boa parte daqueles atingidos por ela, atores religiosos tinham pouco a dizer sobre as causas e consequências do novo vírus; restando-lhes encarregar-se do medo e transferi-lo a “outro”. Assim, à medida que a enunciação jornalística inscreve esses atores religiosos no espaço social, buscam representá-los num espaço das forças superiores, para vangloriá-los ou puxá-los à terra mundana.

No caso do Papa Francisco, vimos que o enunciator-jornalista lhe atribui traços físicos e de caráter que o inscreve numa dimensão experiencial do *ethos*: dinamismo e engajamento: “questionou o papa em uma entrevista [...]”, e, também, sobriedade e prudência; reconhecendo a “autoridade religiosa” do lugar social que esse corpo falante ocupa: “Francisco também pregou [...]” “Ele alertou [...]. Sem dúvida, se antes a força superior evocada pelo discurso religioso era o medo do castigo divino, hoje, é possível dizer que a natureza postula o seu lugar: “Não sei se essas são a vingança da natureza, mas certamente são as respostas da natureza””, analisou.

No caso do bispo Edir Macedo, vimos que o *ethos* do enunciator-jornalista lhe atribui traços físicos e de caráter que, tentam apagar as dimensões categorial (bispo) e experiencial (autocontrole) e iluminar a dimensão ideológica (negacionista, anticientificista). Conforme

tentamos revelar nas análises, trata-se de um recurso discursivo de apagamento de uma ou outra dimensão, e não de exclusão do *ethos* possíveis dimensões. É possível que o leitor-fiel, envolvido no mundo ético do bispo Edir Macedo não considere a dimensão ideológica que emerge no discurso do religioso.

Aliás, é nesse enlaçamento paradoxal que emerge um *ethos* híbrido representado, um corpo falante que não apenas prega (bispo), mas também que desacredita a mídia, cria teorias da conspiração e se alinha a ideologias político-partidárias: “[...], ele dizia que a mídia estaria causando pânico em relação ao vírus sem razão e afirmava que existia um interesse econômico por trás”; [Ele] “possui uma relação próxima com o presidente Jair Bolsonaro”. A força superior evocada neste caso é a construção do mal bíblico: “Segundo ele, a doença seria “mais uma tática de Satanás”.

Em nossa análise computacional, observamos que os dois mundos éticos construídos por esses atores religiosos regimentam, em torno da sua palavra, um elevado número de sujeitos-perfis, usuários das redes que, a despeito de acreditarem ou não nos religiosos em foco, replicam esses enunciados e os enlaçam entre redes, como vimos nos Grafos 1 e 2. Contudo, a enunciação jornalística apenas faz parte dessas redes enquanto enunciado, pois é notório sua margem de manobra da palavra “terapêutico-religiosa”. Isso fica mais evidente com as citações em discursos “segundo” e com os recursos às ilhas textuais; estas últimas, mesmo citada de forma direta, não serve mais do que para legitimar a própria enunciação jornalística.

Com efeito, a ideia de um *ethos* representante e representado ainda não foi amplamente testada em gêneros jornalísticos. Maingueneau (2020a, p. 60) explora essa noção em textos literários, como explica na passagem a seguir:

No teatro [...] a hierarquia do *ethos* se faz acompanhar de uma assimetria essencial: o arqui-enunciador mostra obliquamente seu *ethos*, mas não fala. No caso de uma narrativa, ao contrário, o narrador fala. Podemos, então, confrontar o *ethos* representado, o do personagem citado, como o *ethos* do representante, o do narrador, pelo menos quando os personagens se exprimem em discurso direto, caso no qual as duas citações estão perfeitamente separadas.

Mutatis mutandis, pensamos ser possível analisar textos jornalísticos em termos de *ethos* representante e *ethos* representado. Contudo, não se trata de instituir um programa de pesquisa, mas de lembrar que a imprensa livre, embora deva ser sempre defendida, não pode estar isenta de críticas. Ressaltando ainda que as práticas tecnicodiscursivas entre redes funcionam na

superfície de uma dimensão noticiosa, em que as mídias sociodigitais e jornalísticas ainda aplicam os recursos discursivos da imprensa de outrora: recursos técnicos, linguísticos e, sobretudo, ideológicos. Nessa senda, pouca coisa avançou em relação à ideia de um gesto crítico quanto à imprensa de hoje.

Referências

- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: ____ (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 9-28.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. *Calidoscópico*, Vol. 6, n. 2, p. 107-119, mai/ago, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. Entrevista com Zygmunt Bauman. *Jornal La Repubblica*. Tradução Moisés Sbardelotto do Adital, 2016. Disponível em: <https://www.estrategiaods.org.br/zygmunt-bauman-cuidado-com-os-politicos-que-fazem-dos-nossos-sentimentos-um-instrumento-de-poder>. Acesso em 21 jul. 2021.
- FERREIRA, Luiz Antonio (Org.). *Inteligência Retórica*. São Paulo: Blucher, 2019.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. ampl. Tradução Cecília P. de Souza e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico sobre o ethos. In: BARONAS, Roberto Leiser; MESTI, Paula Camila; CARREON, Renata de Oliveira (Orgs.). *Análise do Discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes*. Campinas, SP: Pontes, 2016. p. 18-33.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Variações sobre o ethos*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020a.
- MAINGUENEAU, Dominique. Resposta ao medo. *Revista Linguagem*, São Carlos, v.35, Dossiê Discurso em tempos de pandemia. setembro/2020b, p. 1-17.
- MALINI, Fábio. *Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede*. XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Junho de 2016. Disponível em http://www.labic.net/wp-content/uploads/2016/06/compos_Malini_2016.pdf. Acesso em 18 out. 2020.
- NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Em torno do ethos discursivo e questões de identidade. In: FERREIRA, Luiz Antonio. *Inteligência Retórica*. São Paulo: Blucher, 2019. p.45-62.
- PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*. Trad. Costa, J. L.; BARONAS, R. L. (Orgs.). Campinas, Pontes, 2021.
- SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 1. n. 2, p. 28-43, 2º sem., 1997.